



GT 005. Agências materiais e espirituais no cotidiano: experiências e narrativas de coexistência

Martina Ahlert (Universidade Federal do Maranhão) - Coordenador/a, João Frederico Rickli (UFPR) - Coordenador/a

Diversas pesquisas em antropologia têm se interessado pelos modos como as pessoas mobilizam agências materiais e espirituais em situações de lutas, disputas e construções identitárias. Entidades como encantados, espíritos, fantasmas, demônios, o próprio Espírito Santo, entre outras; e objetos "animados" como imagens, amuletos, fotografias e a Bíblia, por exemplo, podem participar do dia a dia das pessoas em diferentes contextos. Essas agências não estão limitadas a planos extraordinários, circunscritos aos domínios do explicitamente religioso. Antes, elas permeiam escolhas, decisões e atitudes cotidianas em relação aos mais diversos temas, e seus efeitos se materializam de formas variadas na experiência. Essas situações e ações apontam em direção à não exclusividade humana nos modos de viver, de dar forma e sentido à existência. Este Grupo de Trabalho pretende reunir etnografias e pesquisas de caráter etnográfico em arquivos que abordem essas experiências e a produção de narrativas a elas vinculadas. De um ponto de vista teórico, interessam-nos três pontos, sobretudo: em primeiro lugar, a análise das disputas e controvérsias em torno da legitimidade e autenticidade dessas narrativas e experiências. Em segundo, a questão da coexistência e coabitação no mundo, que questiona leituras lineares sobre o tempo e a história. Finalmente, a análise de situações em que as fronteiras e limites daquilo que se caracteriza como religioso são desafiados pelos próprios dados etnográficos.

Os sentidos de destruição e o que dizem os espíritos: notas para pensar o conceito de genocídio

Autoria: Luísa Pontes Molina

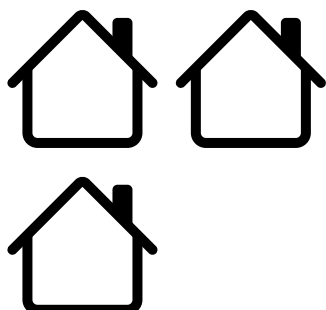
Durante a construção da Usina Hidrelétrica de Teles Pires, no estado de Mato Grosso, foi dinamitada a cachoeira Karobixexe, um lugar considerado sagrado para o povo Munduruku, por ser o destino das almas dos mortos e a morada da mãe dos peixes. Com isso, os espíritos ficaram sem rumo, e os indígenas, por seu lado, têm sofrido não só com os efeitos da destruição do lugar, mas com os riscos do que ainda acontecer. Foram retiradas, antes da explosão, 12 urnas que segundo Munduruku são elas mesmas espíritos ancestrais, como também meio de comunicação entre espíritos e pajés. Levadas à cidade de Alta Floresta pela empresa responsável pela usina, as urnas estão no centro de um conflito delicado entre diferentes órgãos do governo federal, empresas privadas, indígenas e espíritos que, infelizes por estarem na cidade, e em decorrência de todos esses eventos, têm exigido que se realizem determinados rituais e que tanto os Munduruku como os não-índios peçam desculpas. A presente comunicação apresenta esse caso a partir dos documentos tornados públicos pelos Munduruku, para então pensar no que os "impactos" sobre os espíritos e sobre lugares considerados sagrados dizem sobre a destruição promovida na construção de barragens. Com isso, pretende-se chamar a atenção para possíveis formas de tratar das experiências de destruição vivenciadas pelos coletivos indígenas, considerando que os espíritos participam da constituição mesma das socialidades indígenas, e que a relação com a terra é condição de autodeterminação ontológica e política desses povos. O objetivo último desta comunicação é testar formas de abrir o conceito de genocídio, para que ele abrigue experiências como essas, uma vez que a noção de etnocídio, como argumentamos alhures, não é suficiente para dialogar com o sentido que os indígenas parecem expressar ao frisarem a conexão íntima entre terra e vida. Para isso, mobilizaremos ainda etnografias de ataques de espíritos que resultam em mortes por enforcamento, uma vez que os ditos suicídios guardam conexões com o tema do genocídio indígena em



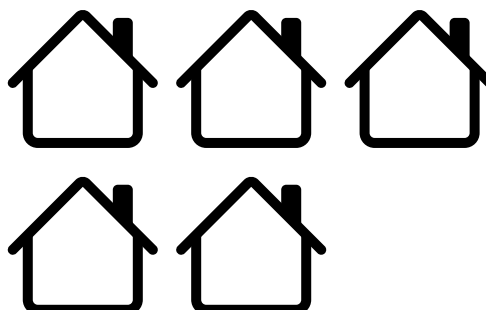
diferentes registros.



Realização:



Apoio:



Organização:

